



## **LYGIA FERNANDES: UMA ARQUITETA MODERNISTA**

### **História e Historiografia da Arquitetura e do Urbanismo Modernos no Brasil**

#### **José Carlos Huapaya Espinoza**

Doutor em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia  
E – mail: joseespinoza@ufba.br

#### **Clara Demettino Castro Vasconcelos**

Graduando em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia  
E-mail: cal.vasconcelos24@hotmail.com

#### **Resumo:**

O presente artigo constitui-se em uma primeira aproximação à produção arquitetônica e urbanística da arquiteta maranhense Lygia Fernandes. Apesar de ter sido a única arquiteta brasileira de formação que teve projeção internacional e reconhecimento nacional a partir da sua obra particular, sua atuação profissional é desconhecida e praticamente inexistente na historiografia hegemônica. Assim, valendo-nos de uma série de artigos publicados em jornais e revistas especializadas, além de livros, interessa-nos mostrar a expressiva produção por ela desenvolvida, além dos cargos assumidos no âmbito do poder público. Isto nos permitiu identificar um conjunto de projetos que merecem um estudo aprofundado na medida em que nos relevam formas de adaptação e revisão do ideário modernista, traduzidos na preocupação pelo uso de materiais e particularidades locais.

**Palavras-chave:** Lygia Fernandes, Movimento Moderno, Brasil.

#### **Abstract:**

The present article constitutes a first approximation to the architectural and urbanistic production of the architect Lygia Fernandes, from Maranhão. In spite of being the only Brazilian graduated architect who had international projection and national recognition from her work, her professional performance is unknown and practically nonexistent in the hegemonic historiography. Thus, using a series of articles published in newspapers and specialized journals, in addition to books, we are interested in showing the expressive production developed by it, and also to the positions assumed in the scope of public power. This allowed us to identify a series of projects that this set of works deserve a deep study in the extent to which we can see ways of adapting and revising the modernist ideology, translated into concern for the use of local materials and particularities.

**Key words:** Lygia Fernandes, Modern Movement, Brazil.



## **LYGIA FERNANDES: UMA ARQUITETA MODERNISTA**

### **Introdução: um breve balanço sobre a presença feminina na historiografia do movimento moderno**

A historiografia da arquitetura e do urbanismo modernos na América Latina vem nos últimos quinze anos, aproximadamente, focando e mostrando a importância da contribuição das arquitetas e urbanistas latino-americanas no continente. Essa bibliografia nos revela, de um lado, as não poucas dificuldades dessas profissionais em firmar-se no campo profissional e; do outro, as táticas e possibilidades por elas encontradas decorrentes dessa situação.

Porém, de uma forma mais ampla, isto não significa que a mulher arquiteta não tenha tido papel fundamental para a consolidação e posterior reflexão do movimento moderno. Como exemplo, podemos mencionar os livros “La Carta de Atenas: el urbanismo del CIAM” (1950) publicado pela primeira vez no idioma espanhol na América Latina e que teve como a responsável pela tradução à arquiteta argentina Delfina Gálvez de Williams e “El corazón de la ciudad. Por una vida más humana de la comunidad” (1961) resultado das discussões do VIII CIAM organizado por Jacqueline Tyrwhitt, José Luis Sert e Ernesto Nathan Rogers. No Brasil, o livro de Henrique Mindlin “Modern Architecture in Brazil” (1956) é uma exceção por conter um projeto arquitetônico de uma arquiteta: a maranhense Lygia Fernandes, mais especificamente, a residência de João Paulo de Miranda Netto. Esse fato só acontecerá novamente 35 anos depois com a publicação do livro “Arquitetura moderna: a atitude alagoana” (1991) da arquiteta Maria Angélica da Silva, no qual encontramos, de novo, referências a Lygia e à arquiteta pernambucana Zélia Maia Nobre.

Aliás, é importante destacar a contribuição das mulheres no campo teórico e crítico. No Brasil, além do livro de Maria Silva, podemos citar os livros “Arquitetura Moderna Brasileira” (1982) de Sylvia Ficher e Marlene Milan Acayaba, “O alvo do olhar estrangeiro. O Brasil na historiografia da arquitetura moderna” (2002) de Nelci Tinem, “Pós-Brasília. Rumos da arquitetura brasileira” (2003) de Maria Alice Junqueira Bastos e, “Brasil. Arquiteturas após 1950” (2011) de Maria Alice Junqueira Bastos e Ruth Verde Zein. Na Argentina é indiscutível a contribuição da arquiteta Marina Waisman e a influência de seus livros “La estructura histórica del entorno” (1972), “El interior de la historia. Historiografía arquitectónica para uso de latinoamericanos” (1990) e, “La arquitectura descentrada” (1995); também, destaca-se a extensa produção da arquiteta



Anahi Ballent, dentre a qual, podemos citar “El dialogo con los antípodas. Los CIAM y América Latina” (1995). Na Colômbia destacam-se os livros “Historia de la arquitectura en Colombia” (1990), “Historia de un itinerario” (2002) e “Ciudad y arquitectura. Seis generaciones que construyeron la América Latina moderna” (2012) da arquiteta Silvia Arango.

Outros trabalhos mais recentes vêm discutindo e resgatando de forma mais ampla a contribuição de arquitetas e urbanistas modernas e promovendo um olhar crítico sobre arquitetura e gênero. No primeiro dos casos podemos citar os livros “Heroínas del espacio. Mujeres arquitectos en el movimiento moderno” (2007) de Carmen Espejel, “Arquitectos/Arquitectas, Pioneros/Pioneras” (2011) organizado por Wiley Ludeña, “Arquitetas e arquiteturas na América Latina do século XX” (2014) de Ana Gabriela Godinho Lima, “Las mujeres de la Bauhaus: de lo bidimensional al espacio total” (2015) de Josenias Hervás y Heras e, “Women Architects and Modernism in India” (2017) de Madhavi Desai. Já no segundo dos casos, o campo mais produtivo e extenso atualmente, podemos citar “Women of steel and stone” (2014) de Anna M. Lewis, “Arquitectas. Redefiniendo la profesión” (2015) organizado por Nuria Álvarez Lombardero, “Where are the Women Architects?” (2016) de Despina Stratigakos e, “Onde estão as mulheres arquitetas?” (2016) organizado por Catherine Otondo e Marina Grinover.

Este breve balanço mostra-nos um campo ainda a ser explorado e ampliado, portanto, isto significa que não são poucos os desafios a serem enfrentados no sentido de visibilizar e fortalecer o reconhecimento e valorização das arquitetas de uma forma mais ampla. É nesse contexto que o presente artigo se coloca como objetivo trazer à luz uma primeira contribuição e aproximação à produção da arquiteta Lygia Fernandes, praticamente desconhecida no âmbito brasileiro, a qual, como veremos a seguir, teve atuação importante para a consolidação e divulgação do movimento moderno no país.

### **Contribuições femininas ao movimento moderno brasileiro: Carmen Portinho e Lina Bo**

No contexto brasileiro são ainda limitados os trabalhos centrados na discussão sobre a atuação feminina no movimento moderno. Apesar disso, a historiografia deu visibilidade a dois casos em particular: o da engenheira mato-grossense Carmen Portinho e o da arquiteta italiana Lina Bo. De fato, existe um conjunto de trabalhos (em especial livros e



artigos) que nos mostram a importância dessas duas profissionais em dois centros importantes do país: Rio de Janeiro e São Paulo, respectivamente.

Em relação a Carmen Portinho, é indubitável sua contribuição, por um lado, para a circulação do ideário do movimento moderno na escala nacional através da sua *Revista da Diretoria de Engenharia*, a qual foi pioneira na divulgação de artigos de Lucio Costa, Oscar Niemeyer e Le Corbusier, “enfim, de todos os arquitetos imbuídos de concepções arquitetônicas modernas” (PORTINHO, 1999, p. 77); e, do outro lado, para divulgação da então disciplina de Urbanismo no país (HUAPAYA, et. al., 2018b). Este último ponto, é claro, não só contempla sua reflexão mas também sua aplicação, entendida desde a sua proposta para o “Anteprojeto para a futura Capital do Brasil” (que lhe permitiu obter o primeiro título de urbanista do país) até seu envolvimento com projetos para habitação popular e infraestrutura urbana na capital carioca, após ter assumido o cargo de Diretora do Departamento de Habitação Popular da então Prefeitura do Distrito Federal entre 1946 e 1960 (LIMA, 2014; HUAPAYA, 2018a; HUAPAYA, et. al., 2018b).

Sua grande influência no ambiente profissional e cultural carioca não só lhe possibilitou visibilidade local, mas, inclusive, internacional (HUAPAYA, et. al., 2018a). É bastante conhecida a sua aproximação à chamada Escola Carioca e seu interesse pelas vanguardas na Arte (PORTINHO, 1999, p. 78); nesse sentido, é relevante sua participação na concretização do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Seu papel de destaque e sua atuação profissional permitiu-lhe sua participação como representante brasileiro no IV Congresso Pan-Americano de Arquitetos, realizado no Rio de Janeiro em 1930 (LA SEÑORITA, 1930, p. 541).

Já o caso da arquiteta Lina Bo é, com certeza, o mais conhecido e estudado não só nacionalmente, mas, também, internacionalmente. Ligada de forma particular à arte e à cultura, ela teve uma atuação marcante ainda na Itália antes da sua chegada ao Brasil, em 1946. Após uma breve passagem pelo Rio de Janeiro, decide instalar-se em São Paulo, junto com seu esposo e crítico de arte Pietro Maria Bardi. Ela foi “considerada por muitos como original ao extremo” (RUBINO; GRINOVER, 2009, p. 23).

Essa característica original e extrema pode ser entendida pela forma em que conseguiu cristalizar e articular seu interesse pela vanguarda arquitetônica e a valorização pela cultura popular brasileira. Como exemplos disso podemos mencionar o MASP (1947), em São Paulo, e a casa do Chame-Chame (1958), em Salvador; nesta última, segundo



Oliveira (2006, p. 92) é possível identificar algumas semelhanças com a casa Curutchet de Le Corbusier, em La Plata (Argentina).

Ainda, da mesma forma que Portinho, foi importante a possibilidade que *Habitat. Revista das Artes no Brasil*, criada pela própria Lina Bo em 1950, lhe permitiu no âmbito profissional no país não só através da publicação de uma série de artigos críticos, mas, em especial, pela abordagem das temáticas aí presentes, as quais mostram uma outra alternativa ou caminhos ao ideário da arquitetura modernista. Interessante chamar a atenção, como aponta Grinover (2018, p. 159) “no campo da arquitetura a revista tratou da produção modernista nacional ao lado de produção espontânea, chamada popular”.

### **Lygia Fernandes: uma arquiteta modernista brasileira**

Lygia, pode ser considerada, sem dúvidas, uma das principais (ou mesmo a principal), arquitetas modernistas brasileiras se levarmos em consideração sua atuação nacional e reconhecimento internacional (Figura 1). Apesar de ter atuado majoritariamente na capital carioca, durante a década de 1950, a arquiteta desenvolveu alguns projetos residenciais em Maceió, como as casas para José Lyra e Paulo Netto. Ambas tiveram repercussão em revistas e livros de circulação nacional e internacional, como afirma Silva (1991):

As residências de Lygia Fernandes evidenciam justamente um momento da evolução do contexto social alagoano, que recentemente passara a usufruir das condições de um ciclo econômico de caráter menos agrário [...]. Infelizmente a obra de Lygia Fernandes, no contexto local, não recebeu a atenção dos que respondem pela manutenção do patrimônio cultural alagoano (SILVA, 1991, p. 90).

A arquiteta nasceu em setembro de 1919, em São Luiz do Maranhão (nordeste brasileiro), porém teve um trânsito em diversas cidades do país, uma vez que seu pai era oficial do exército. Fernandes ingressou em 1939 na Escola Nacional de Belas Artes, onde completou seis anos de estudo (5 anos estudando arquitetura e 1 ano urbanismo). Enquanto estudante, ela chama a atenção de arquitetos que davam ênfase ao processo de concepção do projeto, como foi o caso de Jorge Machado Moreira<sup>1</sup>, e desse modo, Lygia consegue desenvolver projetos hospitalares, ainda no período de graduação.

---

<sup>1</sup> Jorge Machado Moreira (1904 - 1992). Arquiteto e urbanista. Forma-se, em 1932, na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), no Rio de Janeiro. Participou da equipe que projetou o Ministério da Educação e Saúde. Sua carreira é marcada por intensa participação em órgãos de classe e comissões públicas.



Após sua formatura, trabalha com Henrique Mindlin<sup>2</sup>, que lhe permitiria ampliar seus contatos profissionais (SILVA, 1991).



**Figura 1:** Lygia Fernandes. Fonte: SILVA, 1991.

É importante destacar que Lygia conseguiu boa parte da sua experiência profissional em instituições públicas. Por essa razão, umas das suas primeiras experiências foram voltadas para a elaboração de projetos de habitação popular no Serviço de Planejamento do Rio de Janeiro, atuando como chefe de Planejamento junto com Affonso Eduardo Reidy. Os arquitetos faziam pequenos projetos para distribuir gratuitamente às pessoas que iriam construir suas casas. Fernandes relata que saía pela capital carioca verificando se os moradores estavam fazendo um bom uso do cimento, que também era distribuído gratuitamente (ENTREVISTA, 2002). Depois de muitos anos nessa função, ela passa a trabalhar no Departamento de Parques e Jardins da mesma cidade.

Entre 1951 e 1972, a arquiteta teve intensa atividade social, participando de eventos culturais, bienais, exposições e cerimônias, em especial, no Rio de Janeiro. Em 1955, ela assumiu o cargo no Conselho Diretor do Instituto de Arquitetura do Brasil (IAB), função que exerceria por um ano. No final da mesma década, em 1958, o então prefeito

---

<sup>2</sup> Henrique Mindlin (1911 - 1971) foi arquiteto, urbanista, professor e historiador da arquitetura. Graduado na Escola de Engenharia da Universidade Presbiteriana Mackenzie em São Paulo. É considerado um dos maiores colaboradores para a consolidação e regulamentação profissional dos arquitetos no Brasil.



do Rio de Janeiro José Joaquim de Sá Freire Alvim<sup>3</sup>, designou Lygia junto a outros arquitetos, para estudarem o enquadramento dos conjuntos residenciais em vários locais do então Distrito Federal (PREFEITURA, 1958).

Além dos encargos dentro da área de arquitetura, Lygia assumiu o papel de chefe dos fiscais no Depósito do Caju (Rio de Janeiro), que eram encarregados de checar a pesagem e a quilometragem percorrida em cada viagem dos caminhões de lixo da cidade.

Como veremos na seção seguinte, ela soube compatibilizar sua atuação profissional em cargos públicos com sua produção arquitetônica e urbanística particular. Este conjunto de trabalhos mostra-nos, de um lado, uma diversidade tipológica de edifícios, quase todos eles construídos e; do outro, a evidente influência modernista apreendida e aprendida durante a sua formação com os profissionais vinculados à chamada Escola Carioca.

### **Lygia Fernandes: por uma produção desconhecida**

#### Concurso do Clube de Jockey Brasileiro (Rio de Janeiro, 1948)

O projeto foi elaborado em parceria com Giusepinna Pirro, Israel Correia e Francisco Bolonha para um concurso, obtendo o segundo lugar. O edifício se localizava no centro do Rio de Janeiro, na esquina de duas avenidas de grande importância para a cidade.

A edificação idealizada tem influências modernistas dispostas ao longo dos seus onze andares. Uma demonstração disso foram os *brises* móveis (*brise-soleil*), que foram colocados por toda a extensão das fachadas para protegê-las da incidência solar, principalmente, daquelas voltadas para as avenidas. Os andares foram pensados para serem autônomos, cada um com funções bem específicas. A maioria dos pavimentos tinham quatro metros de altura, com exceção do terceiro ao quinto andar que eram mais altos (seis metros de pé direito).

O térreo abrigava funções como a recepção, vestiário, escritório e uma rampa para o mezanino que, por sua vez, possuía um escritório e um terraço jardim. Além disso, a construção contemplava inúmeros espaços com atividades variadas, como por exemplo: restaurante, jardim de inverno, sala de dança (quinto andar); sala de ginástica e, hidroterapia (sétimo andar). No topo do edifício (décimo e décimo primeiro andar) se

---

<sup>3</sup> José Alvim (1909-1981), formado em Ciências Jurídicas, foi nomeado prefeito do Distrito Federal por Juscelino Kubitschek em julho de 1958.



encontraria uma sala de espetáculos, com capacidade para 500 pessoas, cercado por jardins.

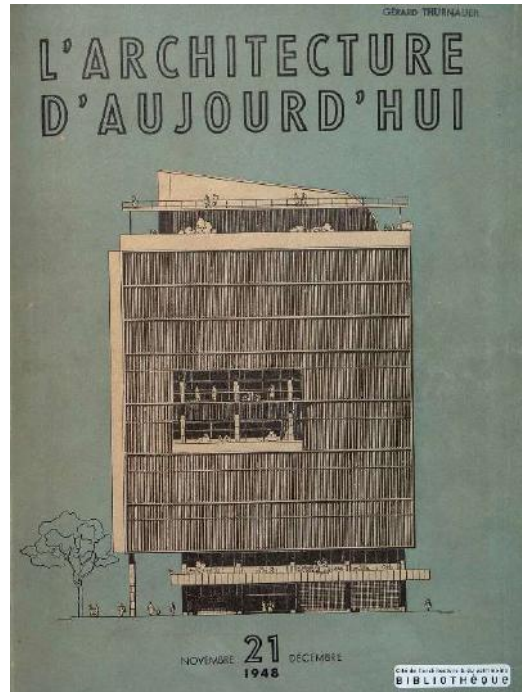


Figura 2: Capa da revista L'Architecture d'Aujourd'Hui, n. 21, 1948.

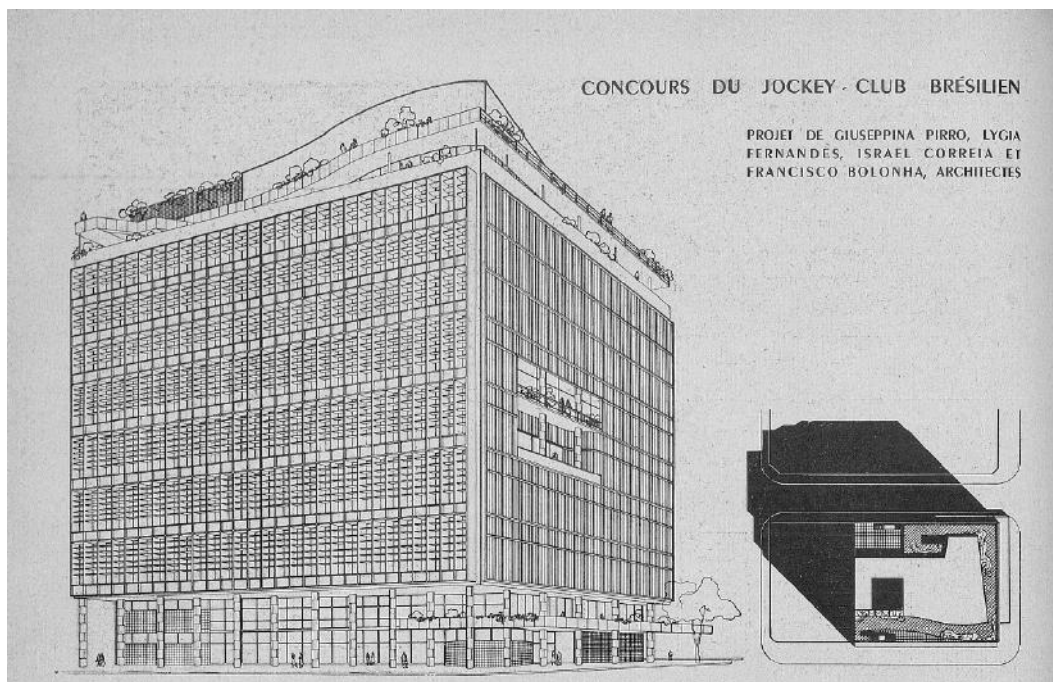


Figura 3: Perspectiva do edifício e seu posicionamento no terreno. Fonte: Concours, 1948.



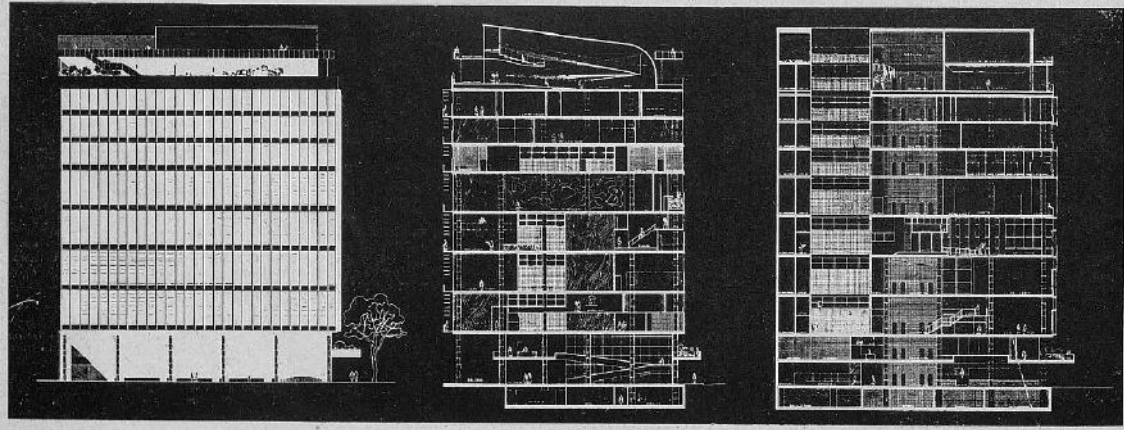


Figura 4: Fachada e cortes verticais da edificação. Fonte: Concours, 1948.

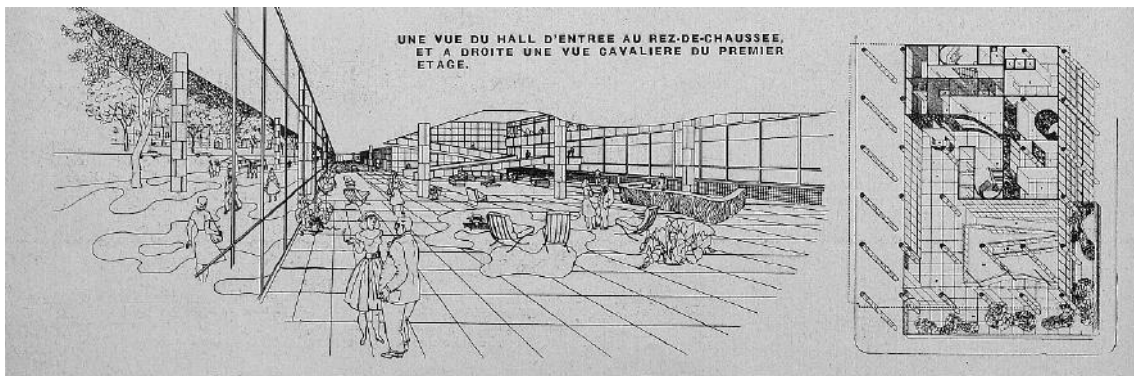


Figura 5: Vista interna do térreo. Fonte: Concours, 1948.

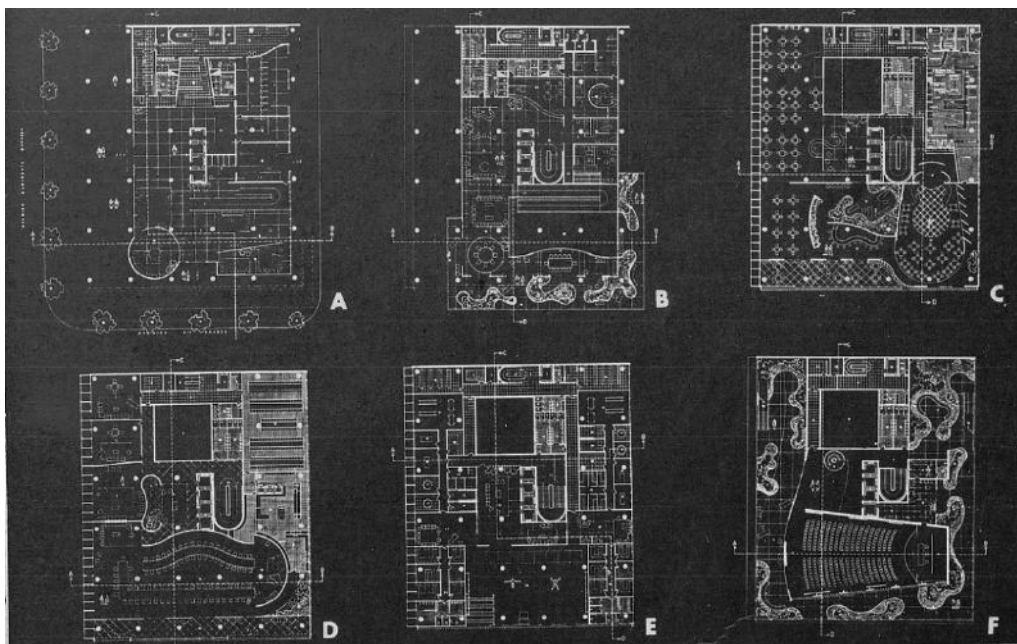


Figura 6: Plantas do térreo, mezanino, quinto, sexto, sétimo e décimo andar, respectivamente. Fonte: Concours, 1948.

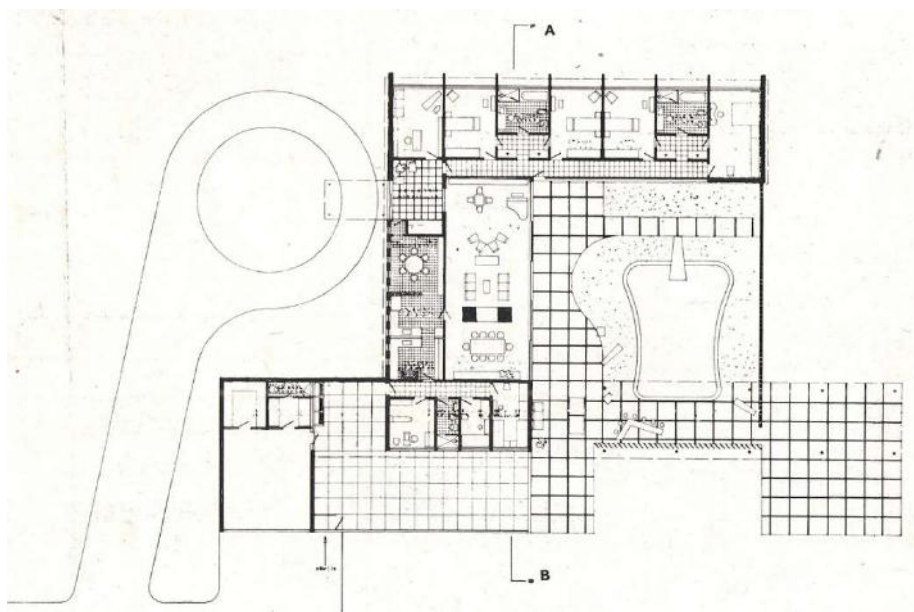


### Casa de Final de Semana na Tijuca (Rio de Janeiro, 1952)

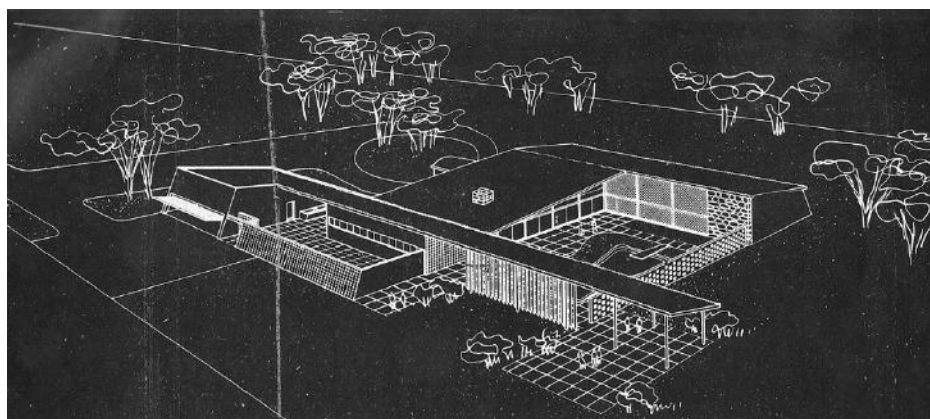
Em 1952, o projeto para a Casa de Final de Semana na Tijuca também foi publicado na revista *L'Architecture d'Aujourd'Hui*. Essa obra foi construída nas montanhas ao redor da cidade do Rio de Janeiro, e fez parte do Plano Diretor dos bairros da Tijuca e da Gávea Pequena.

A característica mais visível deste projeto é a divisão em blocos, com cômodos e funções bem delimitadas. No “Bloco Dia” localizam-se algumas áreas de convivência, o hall de entrada, biblioteca, salão com varanda e a sala de jantar que se abre para um jardim interno. Ao oeste do terreno, encontra-se o “Bloco de serviços” com a cozinha, lavanderia e dependência. Do lado oposto, ao leste, está a parte privada dos usuários, com quatro quartos, dois banheiros e um cômodo de trabalho. E por fim, ainda há uma garagem com um espaço destinado ao motorista.

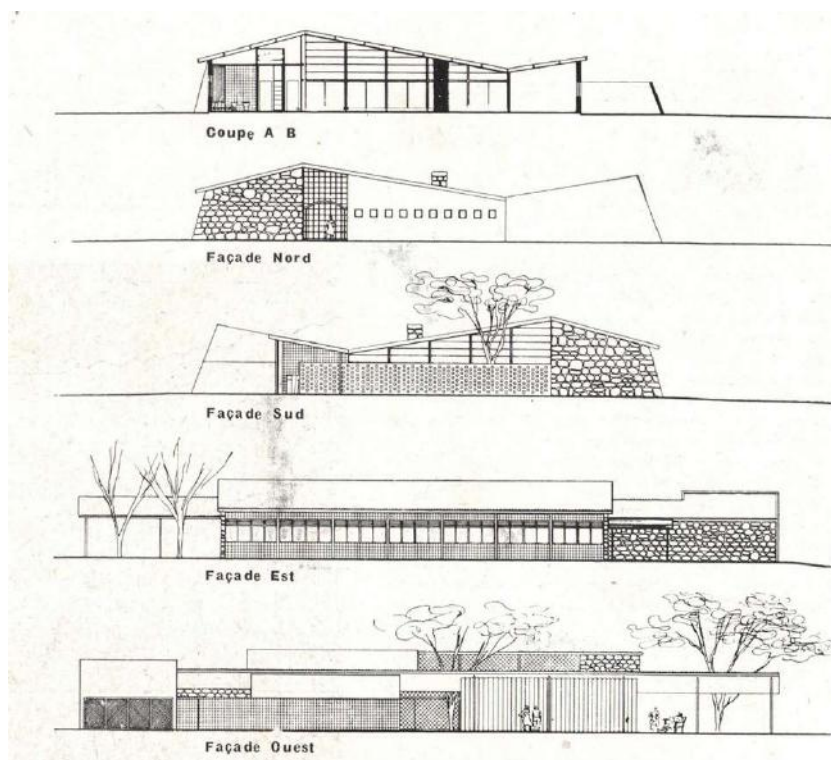
Analisando a planta baixa, que é composta por blocos conectados cercados por áreas externas, é possível perceber zonas mais compartimentadas (área privada) ao longo de um corredor comprido, que possui acessos para a área externa (onde se localiza uma piscina) e um hall de ligação para os espaços de convivência. Ao mesmo tempo, a grande sala de estar e jantar são interligadas entre si com a área externa (Figura 7). Nos cortes e fachadas é possível perceber o dinamismo na cobertura que, apesar de ser constituída por linhas retas, possui diferenças de altura que dão movimento à construção (Figura 8).



**Figura 7:** Planta baixa da casa da Tijuca. Fonte: Fernandes, 1952.



**Figura 8:** Perspectiva da residência. Fonte: Fernandes, 1952.



**Figura 9:** Corte A B; fachadas norte, sul, leste e oeste respectivamente. Fonte: Fernandes, 1952.

### Residência José Lyra (Maceió, 1952)

Construída entre 1952 e 1954, essa obra pode ser considerada como uma consolidação de alguns trabalhos de Lygia no nordeste brasileiro (Maceió, Alagoas). O projeto foi implantado em um terreno sinuoso com jardim amplo de plantas tropicais, que ocupam terraços e áreas livres da residência.



A setorização é clara na planta baixa, com a separação rigorosa entre as áreas sociais, íntima e de serviços. Sem interferir nessa linha de pensamento, dentro da casa há um mezanino que permite a integração entre os ambientes íntimo e social. Outro fator de integração é o uso de cores fortes, tanto na fachada como interior (nos móveis, pisos e paredes).

Além da adoção de colunas, o emprego de venezianas nas aberturas, juntamente às folhas de madeira e vidro, ajuda no conforto térmico. O uso de *brises* (assim como no Clube de Jockey Brasileiro) é novamente identificado, em larga extensão, na fachada principal, junto aos painéis de vidro, treliça e pedra. Essa junção de materiais provoca uma permanente variação na percepção visual da residência.

A volumetria trabalha com formas geométricas (grandes quadrados), resultando em uma composição formulada como um todo. Levando em conta alguns princípios modernistas, a cobertura em V foi escolhida em negação à cumeeira.

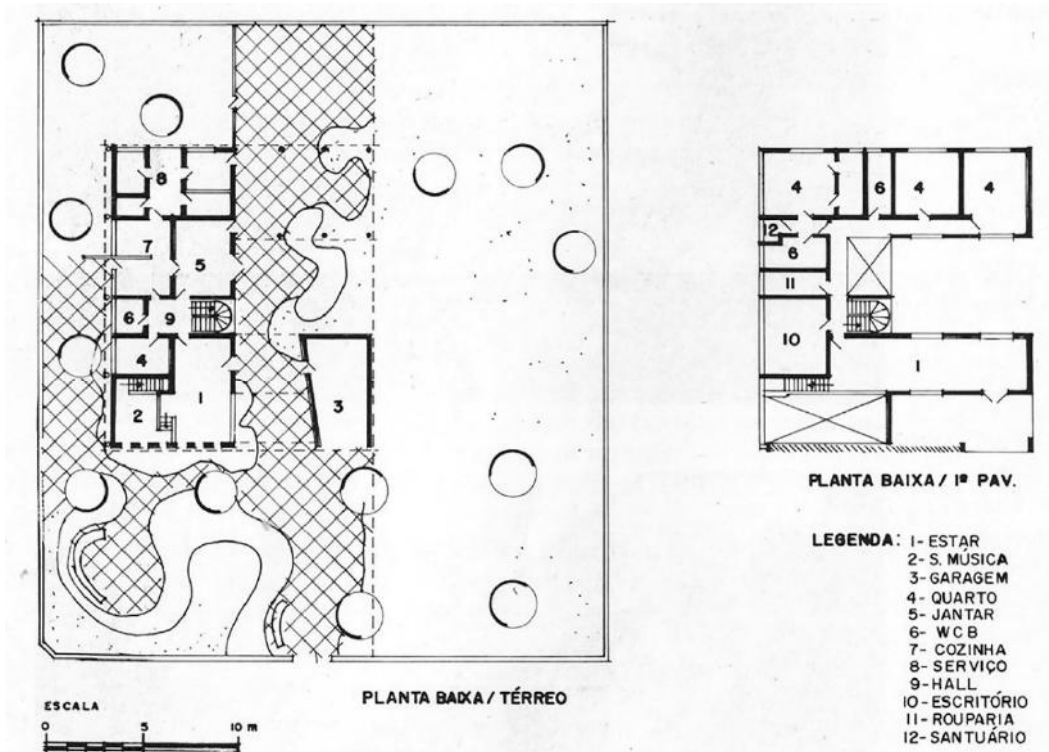
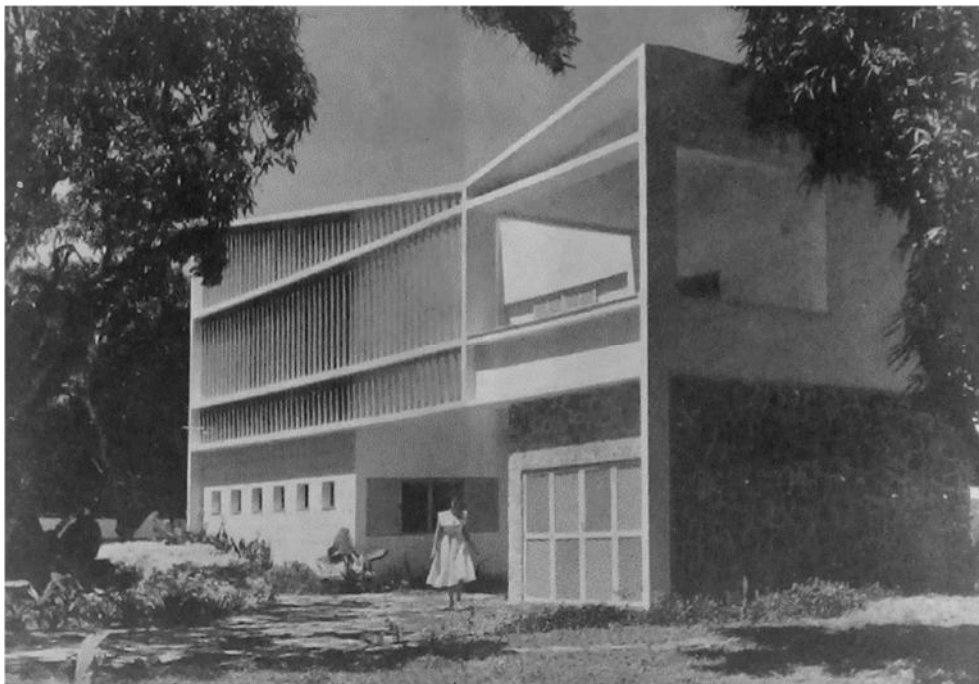
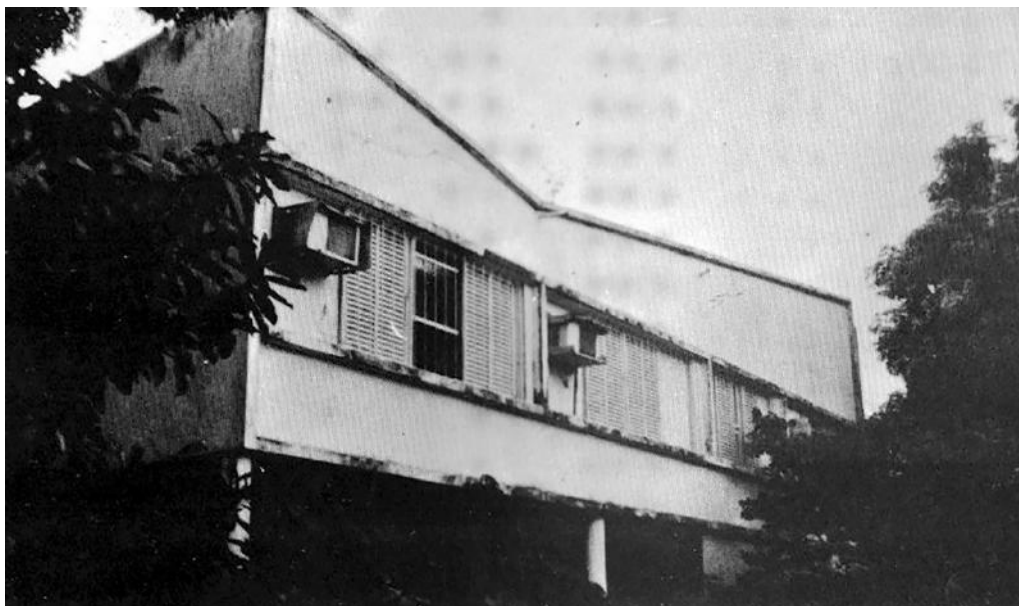


Figura 10: Planta baixa do térreo e primeiro pavimento, respectivamente. Fonte: SILVA, 1991.



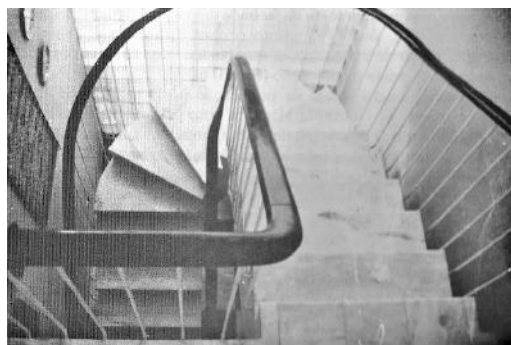
**Figura 11:** Uma das fachadas da residência, onde é possível observar os *brises*. Fonte: FERNANDES, 1955b.



**Figura 12:** Fachada lateral da residência. Fonte: SILVA, 1991.



Figura 13: Fachada posterior da residência. Fonte: FERNANDES, 1955c.



Figuras 14 e 15: Imagens do interior da casa. Fonte: SILVA, 1991.

### Residência Paulo Netto (Maceió, 1953)

Este é outro trabalho da arquiteta nordestina que ganha visibilidade, mas dessa vez no livro “Modern Architecture in Brazil” escrito por Henrique Mindlin em 1956. No livro, o autor traz comentários sobre os tamanhos das salas de estar e de costura, que refletem um estilo de vida bem diferente às dos países industrializados da época.

Mesmo sendo contemporânea à casa de José Lyra, a concepção deste projeto traz uma adaptação dos princípios modernistas europeus, para os valores do trópico, se preocupando em reconstituir laços com a cultura local, através da escolha dos materiais:

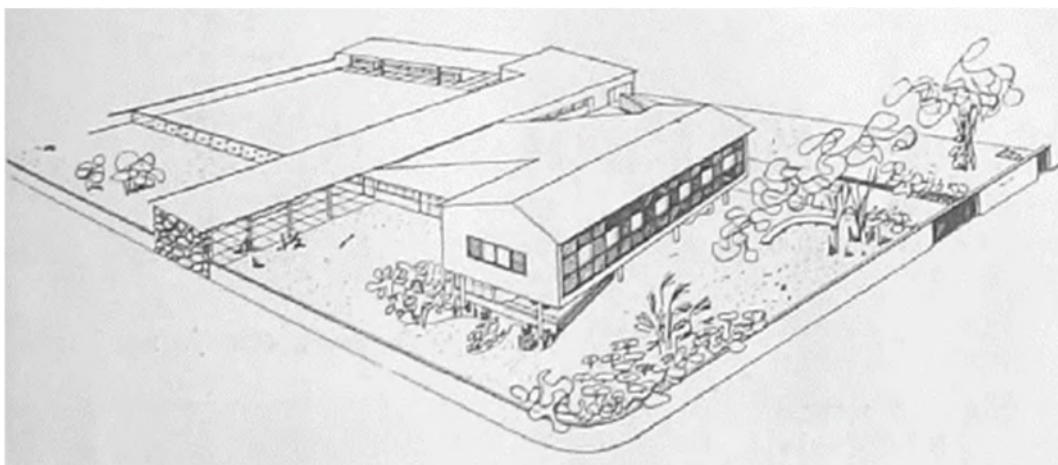


madeira, telha de barro e azulejo (compostos por desenhos com influências portuguesas, de autoria da arquiteta).

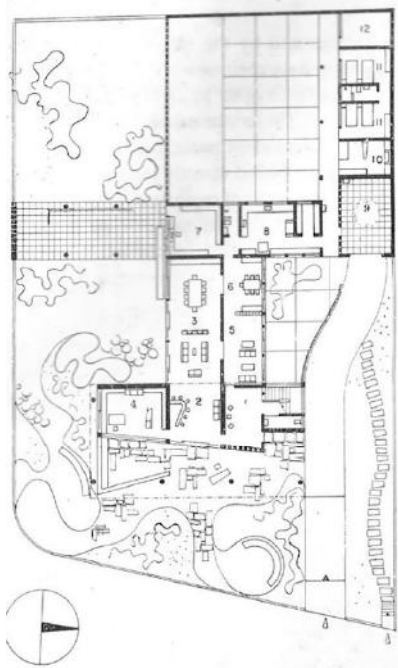
Examinando a planta baixa, é possível perceber fortes influências culturais locais, assim como algumas características da própria arquiteta. Essa primeira influência, pode ser observada na divisão da casa em dois pisos. O primeiro é destinado, majoritariamente, às áreas de convivência, contendo as salas de estar, jantar, costura (de forte característica cultural local) além da cozinha. É válido destacar outro fator cultural nas casas brasileiras: a existência de um espaço destinado aos empregados da residência, que neste caso se localiza ao fundo do terreno, próxima à garagem.

Já no segundo andar, encontram-se os cômodos íntimos, ligados por uma grande varanda pertencente a todos os quatro quartos. Ainda nesse piso, existem um banheiro, que atende a três quartos, um hall e um longo mezanino, perpendicular à parede dos dormitórios.

Como mencionado acima, existe novamente a aparição de uma característica de Lygia, quando se trata de projetos residenciais: a compartimentação. Esta, novamente, é claramente perceptível na planta, mesmo havendo muitas aberturas para terraços e ambientes externos.

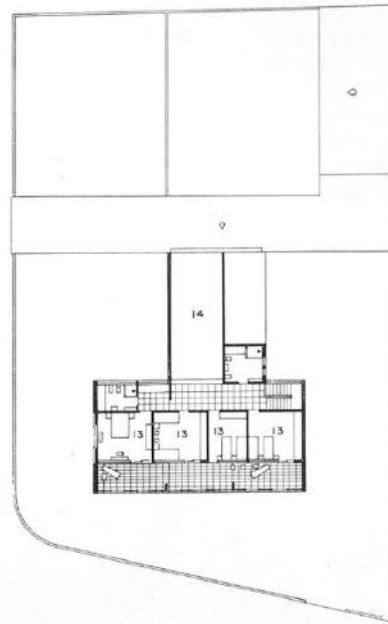


**Figura 16:** Perspectiva da casa. Fonte: FERNANDES, 1956.



Ground floor 1:500

- 1 Entry
- 2 Living
- 3 Dining
- 4 Study
- 5 Sitting room
- 6 Breakfast and lunch
- 7 Sewing room



Upper floor 1:500

- 8 Kitchen-Pantry
- 9 Garage
- 10 Laundry
- 11 Maid
- 12 Storage
- 13 Bedroom
- 14 Upper part of Living and Dining room

**Figura 17:** Planta baixa do térreo e do primeiro andar respectivamente, com a identificação dos cômodos.  
Fonte: MINDLIN, 1956.



**Figura 18:** Vista externa e interna da fachada principal, mostrando os *muxarabis*. Fonte: FERNANDES, 1955a.





Ao longo da varanda superior há um painel treliçado de madeira, compondo a fachada principal, que proporciona boa ventilação natural, além de equilibrar o nível de insolação e as brisas noturnas. Juntamente com outros materiais regionais (como por exemplo esquadrias coloniais e o *muxarabi*), a madeira, mostra que as características do passado ainda se encontravam presentes na arquitetura brasileira da época (Figura 18).

Um detalhe interessante a ser colocado é que nessas duas residências citadas, os projetos hidráulico, elétrico e o detalhamento da construção também são de autoria de Fernandes. Esse é outro aspecto que traz características modernistas, uma vez que um dos seus pressupostos é a clareza formal, que neste projeto específico foi estendida para o mobiliário (igualmente projetados por ela).

#### Prédio da Sociedade de Medicina de Alagoas (Alagoas, 1956)

O edifício se desenvolve em dois pavimentos chama, no entanto, a solução estrutural proposta que lhe dá liberdade para propor grandes áreas envidraçadas. O acesso principal se desenvolve com um pé direito duplo onde se localiza uma escada helicoidal. A volumetria guarda relação com seus anteriores projetos residenciais, no entanto, percebe-se um afastamento em relação aos materiais utilizados.



**Figura 19:** Fachada da Sociedade de Medicina de Alagoas. Fonte: SILVA, 1991.



### Projeto para uma Concha Acústica (Rio de Janeiro, década de 1960)

Uma das produções que tiveram mais espaço nos jornais cariocas, com certeza foi a Concha Acústica, localizada no Campo de Santana no Rio de Janeiro, idealizada em 1960. Seria a primeira Concha Acústica da cidade, por intermédio da Prefeitura e do Departamento de Parques e Jardins, e serviria para as instalações modernas que foram pensadas para as grandes apresentações, ao ar livre, que iriam ocorrer no local (PREFEITURA VAI, 1960; PRIMEIRA, 1960 e CONCHA, 1960).

### **Considerações finais**

A contribuição da arquiteta Lygia Fernandes para o movimento moderno brasileiro tem que ser visto a partir de, no mínimo, duas perspectivas. Em primeiro lugar deve-se levar em consideração que ela faz parte de um conjunto de arquitetas que, em maior ou menor grau, vinha atuando profissionalmente na área, embora, muitas delas ainda permanecem desconhecidas ou obscurecidas pela própria historiografia hegemônica. Em segundo lugar, chamamos a atenção para sua importância na divulgação da produção arquitetônica e urbanística fora dos eixos Rio de Janeiro-São Paulo. Embora vinculada ao grupo carioca (HUAPAYA, 2018b), de um lado, coube a ela enfrentar e atuar em um ambiente profissional masculinamente dominado e, do outro, superar as eventuais problemáticas pelo fato de ser mulher e nordestina. O número significativo de artigos publicados com seus projetos mostra que apesar de tudo, soube ganhar reconhecimento com a sua produção particular.

Diante de todo o seu percurso acadêmico e profissional, Lygia perpassou por muitas áreas dentro da arquitetura, o que a tornou uma profissional muito versátil, sendo capaz de atuar tanto em projetos públicos como privados, assim como arquiteta e urbanista. Mesmo apresentando essa característica, a arquiteta se manteve dentro das suas origens, escolhendo materiais regionais que nos dão indícios de sua preocupação com a adaptação de seus projetos aos locais onde foram projetados.

Por fim, esse conjunto de obras merecem um estudo aprofundado na medida em que nos relevam formas de adaptação e revisão do ideário modernista. Ainda, concordando com Silva (1991, p. 93) a produção de Lygia “não recebeu a atenção dos que respondem pela manutenção do patrimônio cultural alagoano [...] Talvez essa contingência se deva



a uma noção comum de História, desprovida de relação com o presente, vinculada apenas a contextos seculares e austeros”.

## Referências

ARTES PLÁSTICAS. A cravação da “Estaca Fundamental”. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 14 dez. 1954, p. 14.

ARTES PLÁSTICAS. Arquitetos. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 09 ago. 1952, p. 9.

ARTES PLÁSTICAS. Notícias da Bienal. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 21 set. 1951, p. 11.

CESSÃO de terreno ao departamento de turismo. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 28 set. 1962, p. 11.

CONCHA acústica no Rio. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, 20 fev. 1960, p. 6.

CONCOURS du Jockey Club Brésilien. **L’architecture d’Aujourd’Hui**, Paris, n. 21. nov./ dez. 1948, p. 64-65.

DIÁRIO EDUCACIONAL. Congresso Pan-Americano de Estudantes de Arquitetura. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 11 abr. 1956, p. 11.

EMPRESAS privadas dão solução para lixo na cidade. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24 set. 1972, p. 40.

ENTREVISTA com a Arquiteta Lygia Fernandes, maio 2002. Disponível em: <<https://marcosocosta.wordpress.com/2010/12/24/entrevista-com-lygia-fernandes/>>. Acesso em: 15 maio 2018.

FERNANDES, Lygia. Maison de Week-end a Tijuca. **L’architecture d’Aujourd’Hui**, Paris, n. 42-43, ago. 1952, p. 74.

FERNANDES, Lygia. Residência Dr. Paulo Netto. **Arquitetura e Engenharia**, Belo Horizonte, n. 35, abr./jun. 1955a, p. 12-17.

FERNANDES, Lygia. Residência do Dr. José Lyra. **Arquitetura e Engenharia**, Belo Horizonte, n. 35, abr./jun. 1955b, p. 21-23.

FERNANDES, Lygia. Residência em Alagoas. **Acrópole**, São Paulo, n. 204, set. 1955c, p. 542-545.

FERNANDES, Lygia. Residência em Maceió, Alagoas. **Hábitat**, São Paulo, n. 31, jun. 1956, p. 67-69.

GRINOVER, Marina. **Uma ideia de arquitetura. Escritos de Lina Bo Bardi**. São Paulo: AnnaBlume, 2018.

HUAPAYA ESPINOZA, José Carlos. Arquitectas sudamericanas: por una historia desconocida de la arquitectura y del urbanismo modernos, 1929-1965. In: VIII Encuentro de Docentes e Investigadores en historia del Diseño, la Arquitectura y la Ciudad, 2018, Córdoba. Actas del VIII Encuentro de Docentes e Investigadores en historia del Diseño, la Arquitectura y la Ciudad, 2018a.



HUAPAYA ESPINOZA, José Carlos. “Nordeste selvagem e acolhedor”: o olhar Carioca, Paulista e Mineiro sobre a Arquitetura Moderna Nordestina mediante as Revistas Especializadas, 1950-1970. In: JUCÁ, Clovis; PAIVA, Ricardo (Orgs.). **Projeto, obra, uso e memória. A intervenção no patrimônio modernista no Norte e Nordeste**. Fortaleza: Edições UFC, 2018b, p. 521-538.

HUAPAYA ESPINOZA, José Carlos; VASCONCELOS, Clara Demettino Castro; TAPIA, Nedda María Noel; SANTOS, Priscila Monique da Silva; RUBIO, Sabrina Rachel. South American Foreign and Female Professionals: Reflections on an Unknown Contribution through Specialised South American Journals, 1929-1965. In: Women's Creativity Since The Modern Movement (1918-2018): Toward a New Perception and Reception, Turim, 2018a.

HUAPAYA ESPINOZA, José Carlos; VASCONCELOS, Clara Demettino Castro; TAPIA, Nedda María Noel; SANTOS, Priscila Monique da Silva; RUBIO, Sabrina Rachel. urbanismo moderno feminino: um olhar sobre a contribuição de arquitetas e urbanistas sul-americanas, 1934-1962. In: XV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, Rio de Janeiro, 2018b.

LA SEÑORITA Carmen Velasco Portinho. **Revista de Arquitectura**, Buenos Aires, n. 117, set. 1930, p. 541.

LIMA, Ana Gabriela Godinho. **Arquitetas e arquiteturas na América Latina do século XX**. São Paulo: Altamira, 2014.

MINDLIN, Henrique. **Modern architecture in Brazil**. Rio de Janeiro: Colibris, 1956.

OLIVEIRA, Olívia de. **Lina Bo Bardi. Suti substâncias da arquitetura**. São Paulo: Romano Guerra, 2006.

PREFEITURA. Transferidos para extranumerários os antigos interinos. Atos do prefeito. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 29 jul. 1958, p. 3.

PREFEITURA VAI construir concha acústica de grandes proposições. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 12 fev. 1960, p. 3.

PORTINHO, Carmen. **Por toda minha vida**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

PRIMEIRA concha acústica será no Campo de Santana. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 20 fev. 1960, p. 4.

RUBINO, Silvana; GRINOVER, Marina (orgs.). **Lina por escrito. Textos escolhido de Lina Bo Bardi**. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

SILVA, Maria Angélica. **Arquitetura Moderna. A Atitude Alagoana**. Maceió: SERGASA, 1991.